



Familiares, muitos amigos e a bandeira do Fla despediram Ivã Serpa

Ivã Serpa teve adeus dos amigos que não entenderam o grande absurdo da morte

Além da família, dos amigos íntimos e dos colegas, o adeus ao artista plástico Ivã Serpa, enterado ontem às 13 horas no Cemitério São João Batista, foi dado pelos seus alunos, jovens quase todos de cabelos longos, roupas coloridas e um grande espanto em face da morte: "Vai ser difícil encontrar alguém que o substitua."

Ivã Serpa, morto aos 50 anos por um derrame cerebral, abria sua arte e sua técnica a todos, desde os cursos de pintura para crianças até a experiência que havia iniciado no Centro de Pesquisa de Arte, com Bruno Tausz, que prometeu fazer com que a obra do seu colega não desapareça com ele — "Eu vou lutar para que ela continue."

A presença da morte

Sentados nas escadas, afastados da maioria das pessoas, mudos, apáticos, perplexos, os alunos jovens de Ivã Serpa não conseguiam entender a sua ausência. Para os mais velhos, como Aloisio Carvão, a dor é a mesma, mas a morte é uma presença que não espanta mais.

Aloisio Carvão lembra a preocupação de Ivã em ensinar, desde o início em uma pequena sala no Edifi-

cio Municipal (prédio onde está a sede do Bola Preta), passando para um barracão, no local onde seria construído o Museu de Arte Moderna, até os cursos do próprio museu e do Centro de Pesquisa de Arte.

— Sobre o seu trabalho em si, Ivã chegava às vezes até a obsessão, e, quando saía, a gente notava a sua preocupação em voltar para casa e retomar o trabalho.

Ser artista

Perto de 500 pessoas foram ontem ao Cemitério São João Batista acompanhar o enterro de Ivã Serpa. Durante à noite, revezaram-se no velório artistas como Di Cavalcanti, Iberê e Rosina Becker do Vale. Seu corpo foi colocado numa gaveta, sob intensa emoção da viúva, Dona Ligia e dos três filhos, Heraldo, de 12 anos, Leila, de 18, e Ives, de 21.

O industrial Romeu de Paoli, aluno de Ivã Serpa, saudou a memória do artis-

ta, lembrando "a sua generosa vocação que o levou a adotar artistas, hoje no auge da fama, dando-lhes apoio moral e material."

— Só uma grande alma como a de Ivã Serpa teria condições de praticar tais altruísmos, numa época em que ele próprio estava necessitando daquela ajuda material, que ele tão generosamente distribuía. Assim era ser cristão, ser cidadão, ser humano e sobretudo ser artista.

O mistério

Bruno Tausz, colaborador de Ivã Serpa na experiência do Centro de Pesquisa de Arte, também falou no momento do enterro, fazendo "uma promessa a todos que estão aqui, como o esforço de Ivã não terá sido em vão — ele vai viver atrás da sua obra, que eu, seu sócio, vou fazer continuar."

O momento de maior emoção foi dado pela filha do pintor, Leila, que tirou um pequeno pedaço de papel do bolso e leu algumas palavras por ela escritas sobre o pai: "O nada... O absoluto... A arte... Você. Você que é tudo... Você que procurou o nada... Você que encontrou o mistério. A você eu amo. A você eu me entrego. Em você eu confio. Em você me encontro. Sei que não me

deixou. Sei que me amou. Sei que me ama ainda. Sei que não é a falta de matéria que vai nos separar. Sei que não é o mistério que vai nos desligar. Agora, agora que você já conhece o absoluto. Agora que você já conhece o nada. Agora que você desvendou o mistério. Agora, sim, você está conosco. Agora, sim, você pode criar. Agora você pode nos ajudar a nos encontrar. Só você que conhece o nada, que conhece o absoluto e para quem já não existe o mistério."

Leila despediu-se do pai dizendo o seu apelido. "Sua Beguenguega, que muito o ama" e explicou a preocupação com o nada e o absoluto, "por causa da preocupação do papai em atingir o nada e o absoluto, nos seus últimos trabalhos."